



**PENSANDO UM MODO DE FAZER HISTÓRIA ATRAVÉS DAS
REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DOS MIGRANTES QUIXADAENSES
SOBRE SÃO PAULO**

**THINKING OF MAKING A WAY THROUGH THE HISTORY OF
EVERYDAY REPRESENTATIONS ABOUT THE MIGRANT QUIXADAENSES
SÃO PAULO**

Vilarin Barbosa Barros¹

RESUMO: Temos como objeto de pesquisa as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, e, como fontes são utilizadas entrevistas e correspondências desses sujeitos que partiram para a grande metrópole paulista e voltaram a morar em Quixadá no fim do século XX. Com as fontes objetivamos pensar formas de utilizá-las, como: que tratamentos metodológicos devemos aplicar, de quais formas podemos apresentá-las em nosso texto. Por esses vestígios deixados na estrada da vida, vasculhamos cuidadosamente bagagens de sujeitos que acumularam experiências com a migração. E, guiando-nos pelos caminhos da História Cultural, visamos neste trabalho pensar os modos de fazer uma pesquisa tecida em forma de um mosaico de colcha de retalhos, onde seus pedaços possam ser comparados, contrastados e justapostos, tratando assim, possivelmente, de elementos desconhecidos de um evento conhecido como a migração. Ao tecer uma trama por esses modelos, em forma de uma “ficção controlada”, pensamos uma abordagem das fontes, mas também, pensamos maneiras de se escrever, falar, ou, simplesmente, modos de dizer uma história.

PALAVRAS-CHAVE: História cultural; Representação; migração; tratamentos metodológicos.

ABSTRACT: Our research object representations of everyday life of migrants quixadaenses on St. Paul, and how sources are used interviews and correspondence of these individuals who have gone to the great metropolis and returned to live in Quixadá the end of the twentieth century. With the sources we aim to think of ways to use them, as methodological treatments that we apply, in what ways can we present them in our text. For these traces left on the road of life, searching luggage carefully subjects that have accumulated experiences with migration. And guiding us through the paths of Cultural History, in this work we aim to think of ways to do a search in the form of a woven mosaic patchwork, where his pieces can be compared, contrasted and juxtaposed, thus treating possibly elements unknown in an event known as migration. By weaving a web of these models in the form of a "controlled fiction", we approach the sources, but also think of ways to write, speak, or simply ways of telling a story.

KEYWORDS: Cultural History ; Representation; migration; treatment methodology.

1. Preliminares

¹ Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará; Bolsista FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br



O migrante parte de seu território, pedaço querido de que tem que se desgarrar e vai deixando pelo caminho fragmentos de sua vida, de sua experiência anterior. Na poeira da estrada que percorre, vai deixando detritos de sua alma, de sua cultura, de sua memória (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 247).

Com os migrantes quixadaenses: homens e mulheres que deixaram sua terra natal no fim do século XX rumando a São Paulo para depois voltar a morar em Quixadá², temos histórias que, em si trazem elementos que se assemelham com esse “migrante”, um sujeito que partiu de seu território querido, deixando na estrada que percorreu indícios de uma vida nas memórias, fragmentos de uma história.

Os “detritos de sua alma”, neste trabalho, se materializam principalmente por entrevistas que me concederam em suas casas, pelas cartas que me doaram, e, que evidenciam um pouco de outrora. Eu, que talvez mais pareça um “escafandrista”, venho explorar um mundo submerso pelo tempo, ou, até mesmo o “seu quarto, suas coisas, sua alma”³.

É um pouco assim que me sinto ao encontrar com os entrevistados, meus conterrâneos, foram doze no total que graciosamente me receberam em suas casas, permitindo que gravasse seus relatos orais de memórias. Eles ainda me doaram mais de sessenta correspondências que pareciam há tempos guardadas em seus “baús”.

De fato, o ato de vasculhar a vida desses indivíduos “é a possibilidade que o pesquisador encontra para tornar-se vivo e reviver a história como seleção de acontecimentos” (VASCONCELOS, 2009, p.43). Vivo, pois, é pela a utilização de fontes que a vivacidade de nosso trabalho resplandece, é por sua análise que exercitamos nosso ofício. Uma história possível de ser revivida, mas, apenas em meio a uma seleção de acontecimentos que ocorrem através de uma “operação histórica” (CERTEAU, 1998).

Trabalhar com entrevistas utilizando a história oral enquanto metodologia não é uma maneira de “dar voz” a esses quixadaenses, eles já a possuem; talvez o que posso, para além de aprender um pouco sobre experiências de um tempo que não vivenciei, é conduzir as falas dessas pessoas para outros lugares, inclusive, conforme salienta Portelli (1997, p. 31): o verdadeiro trabalho que prestamos a elas “consiste em fazer com que sua voz seja ouvida, em levá-las para fora, em pôr fim a sua sensação de isolamento e impotência, em conseguir que seu discurso

² Município localizado no sertão central cearense, com área de 2.019,816 km² e população de 80.447 habitantes, segundo relatório do IBGE/2009.

³ Referência a música *Futuros Amantes*, de Chico Buarque.



chegue a outras pessoas e comunidades”. Discurso que pode representar a realidade por “pedaços” de falas e versões de vidas diferentes, e, ser apresentado e tecido como um “mosaico de colchas de retalhos” (PORTELLI, 1997, p. 16).

É verdade também que, para pensar aqui um modo de fazer história através do meu objeto de pesquisa – as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo – não posso limitar-me à história oral enquanto metodologia, apesar de ser ela bastante reveladora, pois, entre as fontes utilizadas, constam mais de sessenta cartas, que evidenciam fragmentos de uma história em que os migrantes quixadaenses foram protagonistas no fim do século XX.

As correspondências permitem explorar “aspectos da vida cotidiana inatingíveis em pesquisas macro-históricas, devido em parte à intimidade entre os correspondentes” (BATISTA, 2006, p. 22). Entre as missivas encontram-se correspondências amorosas, saudosas, que tratam de conflitos, que narram o dia-a-dia, que cobram e pedem a presença, ou mesmo, insinuam uma despedida dos que se correspondem, como evidencia uma carta doada ao autor: “Espero que esteja bem (...) quanto a mim não posso te oferecer nenhuma condições amorosa... sem mais Abraço”⁴.

Tanto as entrevistas como as correspondências estão marcadas por múltiplas temporalidades, seja quando os entrevistados recordam um passado no presente e fazem prospecções para o futuro, ou mesmo, quando num passado um missivista fala de seus projetos para o futuro, que hoje podem ter sido realizados ou ficados no passado.

Nas memórias, que são construções sobre o passado atualizadas e renovadas no presente⁵, procuro analisar seus possíveis significados, o que elas contam do passado no presente, o que se diz do agora.

Já nas correspondências, atento para seu caráter específico: a intimidade que se estabeleceu entre correspondentes; também para a importância dessas cartas que chegaram até o presente, e mais, para “as sensibilidades”⁶ de um tempo passado.

⁴ A referida correspondência foi doada ao autor pela entrevistada “Margor-Marly” (nome fictício!) que pediu que sua identidade fosse preservada. A carta, datada de 15/10/1978, foi enviada de São Paulo a sua pessoa que se encontrava na época em Quixadá-Ce.

⁵ Aqui faço referência às idéias de DELGADO, 2006, p. 9.

⁶ Segundo (PESAVENTO, 2008, p. 14): “As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, a si próprios e ao mundo, comparando como uma área de tradução da realidade através das emoções e dos sentidos”.



Partindo da análise das entrevistas e correspondências, algumas questões se fazem necessárias: como utilizar essas fontes e que tratamentos metodológicos aplicar? Quais as formas possíveis de apresentá-las neste texto?

Pelos vestígios deixados na estrada da vida, é possível vasculhar as bagagens de sujeitos que acumularam experiências com a migração. E, neste trabalho, pelos caminhos da História Cultural, penso modos possíveis de se fazer uma pesquisa tecida em forma de um mosaico de colchas em retalhos, onde seus pedaços possam ser comparados, contrastados e justapostos, tratando assim, possivelmente, de elementos desconhecidos de um evento conhecido como a migração⁷. Dessa forma: “montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo” (PESAVENTO, 2003, p. 65).

Ao ensaiar neste texto um método, uma abordagem da qual a História pode se valer penso num tratamento metodológico que seja expresso na própria maneira de escrever, na maneira de ser apresentado o escrito, ou seja, tecido como que em uma colcha de retalhos. A cada citação e fragmentos de textos, que uma fonte venha dialogar, problematizar, ou quem sabe, roubar as convicções do leitor. Até porque “citações em meu trabalho são como salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passeante a convicção” (BENJAMIN, 1995, p. 61).

E, se não as roubam, se “contextualizam”, são colocadas em um mesmo texto, se inserem num texto selecionado, recortado e montado, sendo convocadas a tratar de questões...

“Se você disser assim, você quer morar em São Paulo? Eu digo...”⁸

... Calma Sr. Cláudio Laurentino. Num segundo momento, será tratada essa questão.

Obrigado pela compreensão!...

Ao tecer uma trama por esses modelos, em forma de uma “ficção controlada” (PESAVENTO, 2003, p. 58), penso uma abordagem das fontes, mas também, imagino maneiras de se escrever, falar, ou simplesmente, modos de dizer uma história.

Construir um cenário, imaginar um diálogo com todos os entrevistados ao mesmo tempo e num mesmo espaço, fato que nunca aconteceu em minha pesquisa, e talvez seja possível de aqui acontecer, ainda que de forma controlada por métodos e fontes, em uma espécie de “ficção controlada”, será um prazer!

⁷ Aqui faço referência às idéias de PORTELLI, 1997.

⁸ Sr. Cláudio Laurentino. Trecho da entrevista concedida em sua casa no distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006.



Os entrevistados são de diversos distritos pertencentes ao município de Quixadá, e alguns dos migrantes sequer se conhecem.

Todos eles têm em comum: são filhos de agricultores, formação escolar apenas o Ensino Fundamental, poucos o Ensino Médio, de fato, nenhum com Ensino Superior. Migraram para São Paulo no fim do século XX e optaram por retornar de morada a Quixadá depois de certo período vivendo na grande metrópole paulista. E mais, no momento da entrevista, todos estavam em sua terra natal, esses são os laços que os unem e reúnem neste texto.

Se “visões retrospectivas, cortes e a alternância entre cena e história” (BURKE, 1992, p. 348) são técnicas cinematográficas ou mesmo literárias, aqui serão apropriadas para se pensar relações históricas por representações que ensejam traduzir o acontecido, o vivido e sentido, trazendo a tona visões múltiplas de um evento histórico.

Dito isso, dirijo-me a um segundo momento do texto para pensar o tratamento metodológico com as fontes, imagino uma cena, tracejo uma idéia...

2. Tratamento metodológico.

Eu queria de fato em minha investigação reconstituir tramas de vidas, “recobrar o pulsar no cotidiano” (MATOS, 2002, p. 26-27). Estou é verdade, pensando um passado marcado por “agoras”⁹ e fico a escutar e entender vozes: “vou pra São Paulo, por quê? Porque tem meu irmão lá, tinha aquilo idealizado, mas, não tinha concretizado.”¹⁰

Explique melhor sua idéia Sr. Cláudio Laurentino, eu sei que tens muito para ser falado...

“A gente não tinha concretizado, tinha em mente, mas, ficava pensando como ia ser, como podia acontecer. Tendo influência de outros colegas meu que estavam lá radicados [em São Paulo] eu digo: eu vou, eu tenho que ir.”¹¹

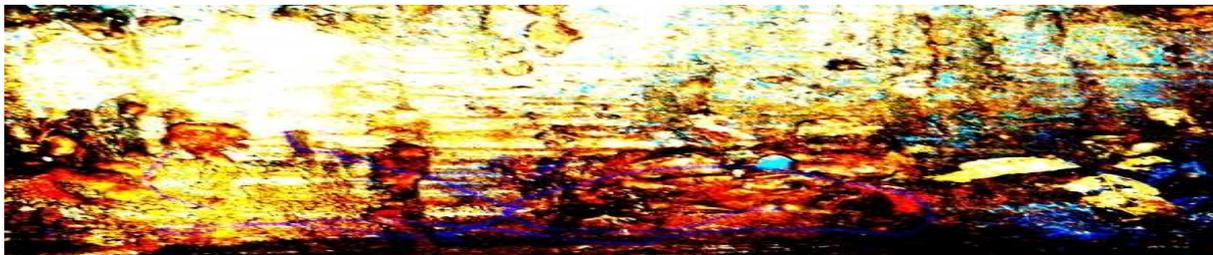
Gostaria mesmo de compreender os significados possíveis dessas falas, o que elas ecoam de outros tempos e o que representam. Refletir sobre estas questões seria, grosso modo, o desafio a ser enfrentado na pesquisa, ou seja, o de “decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2003, p. 42).

Assim, como os quixadaenses narram, por exemplo, um primeiro contato com São Paulo?

⁹ Sobre essa questão conferir as idéias de BENJAMIN, 1996. p. 230.

¹⁰ Sr. Cláudio Laurentino, 2006.

¹¹ Idem.



“Foi muito emocionante quando eu cheguei lá [em São Paulo], não foi nada do que eu pensei, me achei praticamente perdida, principalmente, na rodoviária de lá... muito grande”¹².

D. Eliana Lima se refere aos seus primeiros momentos em uma grande metrópole no fim do século XX. Ela partiu de sua terra natal no ano de 1985, e retornou de morada a Quixadá em 1999. Ao recordar sua chegada em São Paulo traz em seus relatos conhecimentos que acumulou na vida ao experienciar, sentir e viver a dinamicidade de uma cidade grande, mas, também ela traz por suas recordações, sensações sobre suas histórias lembradas.

Nesse sentido James Fentress e Chris Wickham, salientam que apesar da maior parte do que é recordado estar sob a forma de emoções, os conhecimentos estão inerentes às recordações. “Portanto, recordamos conhecimento, mas também recordamos sensações” (s/d, p. 16-17).

Ora, gostaria mesmo de aproveitar esse momento, não para falar, talvez mesmo para estabelecer uma mediação, e em alguns momentos, brevemente, refletir sobre as falas de quixadaenses que foram para São Paulo, e voltaram a morar em Quixadá. Então, à vontade para falar...

A sensação na realidade ao chegar, no momento em que eu cheguei [em São Paulo], era a sensação que eu estava totalmente perdido. Porque você chega lá é aquela multidão, aquela correria, aquela loucura dentro do terminal rodoviário. Então, quando eu vi aquilo – a gente *brabo*, pra linguagem mais certa – quando eu via aquela multidão de gente ali eu disse: vala meu Deus, nunca mais que eu vou voltar pra minha terra!¹³

É dessa forma que o Sr. Antônio Teixeira, que foi para São Paulo em 1986 e retornou a Quixadá em 1993, representa o que sentiu inicialmente em São Paulo. Semelhante a D. Eliana Lima, ele estranhou a paisagem que se configurava a sua frente nos primeiros instantes numa grande metrópole. Algo agitado, bem diferente do que antes tinham vivenciado em Quixadá, um lugar de multidões.

“Num sei de onde é que sai tanta da gente. Parece, assim, formiga...”¹⁴

Como assim, “Margor-Marly”?

¹² D. Eliana Lima. Trecho da entrevista concedida em sua casa, no município de Quixadá-Ce, em Março de 2005.

¹³ Sr. Antônio Teixeira. Trecho da entrevista concedida em sua casa, no distrito de Custódio em Quixadá-Ce, em Novembro de 2004

¹⁴ “Margor- Marly”. Trecho da entrevista concedida em sua casa, num distrito de Quixadá-Ce nos dias 10 e 11 de Abril de 2009. A entrevistada transitou entre meados de 1970-1980 “sete vezes mais ou menos” nos caminhos de Quixadá-Ce a São Paulo. Ela vive em sua terra natal desde junho de 1986.



Muito movimento na cidade!... Uns vai, outros vem, uns vai, outros vem, uns vai, outros vem... Você se perde no meio dos outros, eu não sei pra onde é que aquele povo vai, nem pra onde é que vem. Dá agonia na cabeça da gente. Às vezes, a gente tem que ficar assim segurando na mão da pessoa, porque se você solta... aí, onde é que vai achar ninguém ali?¹⁵

E qual é a sensação de se encontrar em meio a essa multidão?

“Ah, a sensação é de sair dali, aquele negócio agoniado... tu é louco!”¹⁶

Em “Os sampauleiros” de Ely Estrela (2003), também é mencionado uma sensação de estranhamento, principalmente, num primeiro momento, mas, dos indivíduos que chegavam da Bahia em São Paulo. Segundo essa autora: “as dimensões da cidade desconcertavam os recém-chegados” (2003, p. 158) e quase todos passam por uma experiência de desorientação espacial.

Mas, digam-me mais sobre os primeiros contatos que tiveram com São Paulo.

Ói, pra chegar a gente passa por Guarulhos, já na grande capital, a gente vai ver muitas coisas, eu vi, olhei pra Tietê com a rodoviária moderna, que até hoje ainda é moderna e vi o esqueleto do concreto; uma cidade totalmente evoluída, onde a coisa acontece, muito dinheiro rolando, sabe?¹⁷

O Sr. Cláudio Laurentino, que foi para São Paulo em 1987 e retornou a Quixadá em 1994, recorda um passado e nesse, imagens de sua chegada em outro lugar, bem diferente de sua terra natal. Suas recordações se remetem possivelmente a um passado do passado, pois, no presente as imagens de lugares outrora desconhecidos ganham nomes posteriormente ao entrevistado acumular experiências de vida em São Paulo, e ainda, se materializam como que em um “esqueleto de concreto”. A materialidade de sua memória pode estar marcada também pelos lugares em que ele trabalhou, como em construtoras civis, nas empresas Concrebrás S/A – Engenharia de Concreto e na Araujo S/A de Engenharia e Construções, entre os dias 10 de abril de 1987 e 01 de fevereiro de 1994, exercendo a função de Balanceiro, conforme conteúdo localizado em sua Carteira de Trabalho.

Até onde posso detectar, o Sr. Cláudio Laurentino foi um bom funcionário nas empresas em que trabalhou e, isso pode ser evidenciado pelas vezes em que seu contrato de trabalho foi prorrogado e seu salário teve reajuste, conforme visto em seus documentos referentes ao trabalho que desenvolveu em São Paulo. Na verdade, diante de indícios de um passado recente posso

¹⁵ “Margor- Marly”, 2009.

¹⁶ Idem.

¹⁷Sr. Cláudio Laurentino, 2006.



ainda declarar que “em todo período trabalhado, nada consta em nossos arquivos que possam desaboná-lo”, pelo menos, assim diz o trecho de uma declaração emitida em nome da Araujo S/A de Engenharia e Construções, no dia 04 de Fevereiro de 1994.

O fato é que as vivências do Sr. Cláudio Laurentino, num passado recente, possivelmente condicionam-no a pinçar no presente as imagens de seus primeiros momentos em São Paulo, destacando inclusive, de forma especificada que: “vi o esqueleto do concreto”, algo que o chamou bastante atenção fixando-se em sua memória.

Como pode ser observado pela versão do Sr. Cláudio Laurentino, São Paulo é um lugar “onde a coisa acontece”, é agitado e, a vida era diferente da que levava no lugar em que ele nasceu. Cidade grande, um mundo que comporta muita gente e se vive em constante movimento, “uns vai, outros vem, uns vai, outros vem, uns vai, outros vem”, como bem representou o ritmo da narrativa de “Margor-Marly” ao referir-se a cidade de São Paulo.

Nos relatos de D. Eliana Lima, ela já contou sobre suas primeiras sensações, isso também aconteceu pelas recordações do Sr. Antônio Teixeira e “Margor-Marly”. Pelas representações dos migrantes se apresenta uma cidade que impressiona com sua multidão, lugar agitado, que chegou a desnortear os quixadaenses. Um mundo diferente do antes vivido pelos entrevistados. Cidade bem agitada e “evoluída, seria diferente do que eu vivi aqui [em Quixadá]”¹⁸.

Ao refletir sobre as representações dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, chego a pensar no turbilhão que é uma “vida moderna”, principalmente naquilo que, nesse sentido, é exposto no trabalho de Marshall Berman (2007, p. 25). Ele fala, entre outras coisas, de um mundo moderno dinâmico, em constante mutação, mundo que cria e destrói novos e antigos ambientes, respectivamente. E mais, que agita e põe a vida em um movimento de aparentemente constante aceleração, esse que concentra as mais diversas populações, condicionando, inclusive, a uma “descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas” (BERMAN, 2007, p. 25)

Apesar dos entrevistados falarem que se acostumaram com a vida em São Paulo, normalmente, acabam por pontuar também algumas diferenças entre viver numa cidade grande no fim do século XX e hoje viver em Quixadá.

Alguém gostaria de sobre isso se pronunciar?

¹⁸ Idem.



“A pessoa vai dizer que lá nada é diferente daqui, claro que é! Um lugar bem mais moderno, evoluído, e também o sistema de ser e de tudo eu achei muita diferença pro lado melhor”¹⁹.

Dessa maneira é que o Sr. Gilberto Teixeira, migrante que foi para São Paulo em 1989 e retornou de morada a Quixadá em 1998, recorda o tempo em que viveu numa grande metrópole. Ele representa suas vivências fora de sua terra natal como sendo positivas, diz que aprendeu a viver numa cidade grande e a se comportar; observar os lugares em que pisava ao experienciar uma cidade que é “diferente daqui”, refere-se a Quixadá. Vivia em um mundo em que os ares respirados eram modernos, um mundão evoluído, inclusive, isso era percebido na própria maneira “de ser”, no comportamento das pessoas. O Sr. Gilberto Teixeira diz ter achado muitas diferenças em São Paulo, mas, “pro lado melhor”.

Então, diante do exposto pelo entrevistado, fico a perguntar: por que mesmo o Sr. Gilberto Teixeira voltou para Quixadá?

“É porque Vilarin, eu já vivia abusado. Você morar num lugar agitado assim, você tem aquele sonho pra realizar pra no dia em que vir embora, está na sua terra natal, lugar que é tranqüilo, mais calmo, que é mais melhor”.²⁰

Fico aqui tentando melhor entender essas versões sobre o passado...

Ora, São Paulo não propiciava mais oportunidades aos quixadaenses, um lugar de coisas belas, “modernas”, “evoluídas”, como muito se apresentou, se representou pelos relatos de memórias dos migrantes?

“Mas lá também existe coisa feia, certo? Como favela, muita favela, muitas casa que eu observei aqui no nosso sertão eu vi coisas lá iguais ou talvez pior, gente com condições precárias também morando em locais horríveis”.²¹

Porém as relações lá eram boas, conforme narrou o Sr. Gilberto Teixeira, não é verdade?

¹⁹ Sr. Gilberto Teixeira. Trecho de entrevista concedida em sua casa, em Quixadá-Ce, em Abril de 2005.

²⁰ Sr. Gilberto Teixeira, 2005. Segundo Gaston Bachelard (1993, p. 34): “mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonhos”, e, é dela que o Sr. Gilberto Teixeira recorda um passado e São Paulo. Não posso também esquecer o que dizem James Fentress e Chris Wickham sobre recordações, principalmente, quando salientam que “a maior parte do que recordamos está sob a forma de emoções, sentimentos e fantasias recordados” (s/d, p.16). Dessa forma, o lugar em que recorda, mais as experiências que acumulou com a migração, contribuem para que o entrevistado em seu ato de recordar o que antecedeu o seu retorno a Quixadá, traga em suas representações desejos e sonhos, que segundo o entrevistado, permearam seus projetos de vida de um passado antes de voltar a sua terra natal.

²¹Sr. Cláudio Laurentino, 2006.



“Cidade grande ninguém é de ninguém. Você procura fazer amizade, não é que nem aqui, faz porque enfim, têm os conterrâneos da gente que sempre apóia a gente, a gente se encontra, mas, que lá ninguém é de ninguém”.²²

Apesar dessa última fala do Sr. Antônio Jorge, que, aliás, foi para São Paulo no final da década de 1970, vivendo por lá até 1985 quando retorna a Quixadá, apontar para uma realidade ambígua e de relações complexas, entendo que ela é reveladora, exatamente por essa característica, pois, neste momento de exposição e análise das representações, ela pode se mostrar como um contraponto a algumas versões dos demais colaboradores. Talvez, poderei até adotar essa postura para tecer a análise de uma realidade pensada, tecida e representada em forma de um “mosaico de colchas” em retalhos. Porém, nesse momento, deixemos o Sr. Nazareno Firmino falar, o que ele terá a dizer, por exemplo, sobre essa história de que em uma cidade grande “ninguém é de ninguém”.

“Lá tem gente boa. A gente fala assim, mas, tem gente muito boa, entendeu?”²³

Como assim, Sr. Nazareno Firmino?

Quando você começa a conhecer. Por exemplo: se você andar num canto todo o dia e todo dia você vê aquela pessoa e, logo você vai tá tendo amizade, né? ‘Você trabalha em algum canto?’ ‘Trabalho’. ‘Eu também.’ Então é assim, você pega um trem junto, pega um ônibus, aí faz a amizade... Continuando, ele já tem um amigo, você já faz amizade com ele e com o amigo dele.²⁴

Essa rotina que ganha significados com o tempo, com um reajustar de práticas cotidianas e negociações de espaços, com as constantes andanças de indivíduos em um mesmo lugar, me faz pensar o “habitar”, um “criar hábitos”, idéia refletida por Petersen (1994, p. 123) e que talvez possa ser utilizada como ferramenta para entender os possíveis significados de falas que se assemelham a que foi dita pelo Sr. Nazareno Firmino, ao contar um pouco de como se acostumou e se relacionou em São Paulo.

²² Sr. Antônio Jorge. Trecho de entrevista concedida na casa de seu irmão, no distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Março de 2005.

²³ Sr. Nazareno. Trecho de entrevista concedida na casa de seu irmão, no distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em Outubro de 2006.

²⁴ Idem.



“A gente faz amizade igualmente a gente faz com os outros nordestinos que lá tem muito. Aí vai fazendo aquela amizade rapidamente com eles e eu não tive problema de se adaptar com eles. Foi muito fácil se adaptar”.²⁵

Apenas por um instante, me deem licença senhores e senhoras quixadaenses que colaboram com este texto, pois, um amigo e conterrâneo nosso que se encontra hoje morando em São Paulo, deseja opinar usando o recurso da Internet para tratar sobre o que aqui estamos a dialogar. Saibam que parte da nossa conversa num ciberespaço aparecerá aqui em fragmentos e está disponível a todos, inclusive aos colaboradores, assim, vejamos: “E aí Vilarin, tudo bem? Tudo bem “Messias”!²⁶...

Ando a entender os possíveis significados das experiências de vidas de quixadaenses que viveram em São Paulo no fim do século XX e voltaram a morar em sua terra natal. Sei que Messias emigrou para São Paulo numa manhã de quarta-feira, no dia 17 de Fevereiro do ano de 2005. Ele se despedia de seus amigos e sua mãe, indo viajar de ônibus na companhia de sua irmã, cunhado, sobrinho e um amigo seu, Francisco, conhecido de infância. Esse último, que entrara primeiro no ônibus, chorava bastante ao ver seu amigo Messias se despedir de familiares e, ao pensar, possivelmente, em se desgarrar de seu “pedaço querido”, de sua terra natal. Era a sua primeira vez, semelhante ao Messias, que rumava a São Paulo pensando em lá estabelecer sua nova morada.

Um pouco desse momento ficou em minhas lembranças quando naquela manhã acompanhei meu amigo Messias a um posto rodoviário em Quixadá antes de ele emigrar.

O fato é que Messias ainda hoje mora em São Paulo e emigrou na primeira metade do século XXI, diferentemente dos meus entrevistados, mas, que se assemelha com os demais por suas origens e destino da emigração. Não custa nada conversar com Messias e saber de suas experiências. Como anda sua vida em São Paulo?

“Estamos vivendo. Eu trabalho de ajudante de conservação e limpeza, limpeza da cozinha. Hoje estou de folga, vou jogar a final do campeonato e tomar uma cerveja com os colegas e depois sair com a mulher...”²⁷ Posso aproveitar o momento para saber um pouco mais

²⁵ Sr. Américo Soares. Trecho de entrevista concedida em sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Março de 2005. O entrevistado foi para São Paulo no ano de 1976 e retornou de morada para Quixadá em 1992.

²⁶ Nome Fictício. Todo o diálogo apresentado entre minha pessoa e o “Messias” está pautado em uma conversa que estabelecemos utilizando a Internet no dia 17 de Abril de 2010. Inclusive, toda vez que é utilizado neste trabalho um nome fictício é em prol de que o indivíduo tenha sua integridade moral preservada, evitando assim, que esta pesquisa venha causá-lo qualquer dano.

²⁷ Messias, 2010. Comunicação estabelecida pela Internet.



de algumas coisas que dizem respeito a sua vida em São Paulo? Creio que suas opiniões poderão contribuir em minhas reflexões, em meu trabalho.

“Sim, é claro”.²⁸

Ao conversar com os colaboradores da pesquisa que realizo, eles me falam da vida e das relações que estabeleceram com “os nordestinos” e, especificamente, com seus conterrâneos numa cidade grande. E você, Messias, me fala da sua relação com esses conterrâneos.

“Os que moram aqui [em São Paulo]? Não os vejo muito. O pessoal aqui [os conterrâneos] são um pouco falso, mas a gente fala...”²⁹

Ora, eles não deveriam era serem mais amigos por se encontrarem fora de sua terra natal?

“[Eles] gostam de falar mal e tirar uma com a cara dos outros, se sentem superiores. Se acham mais capazes do que eu; [por exemplo]: em relação às mulheres. E outra coisa: gostam de se meter na vida financeira e pessoal dos outros com comentários idiotas”.³⁰

Até no que diz respeito a sua vida financeira e pessoal?

Sim. Pessoas estranhas, pessoas que a gente conhece há pouco tempo, são até mais legais que eles. Se vc aqui arrumar uma mulher eles fazem de tudo para pôr defeito. Em tudo, quer ver a gente por baixo... Falam que eu não gastava com nada e não tinha nada no banco, de quanto vc tem no banco, como vc gasta e com o quê.³¹

Sempre que você precisar conversar Messias, é só avisar-me que podemos nos comunicar usando, inclusive, a internet. “Beleza”.³² Assim, caminhamos para nos despedirmos em nossa conversa.

A fala de Messias, além de trazer um pouco dos sentidos de um momento vivido por esse sujeito, me faz pensar que, apesar das entrevistas apontarem para uma certa cordialidade, um apoio indiscutível entre quixadaenses em São Paulo no fim do século XX, como já especificou o Sr. Antônio Jorge: “os conterrâneos da gente sempre apóia a gente”, as relações que lá se estabelecerem parecem mesmo que foram marcadas também por conflitos.

Em meio a essas falas é notória ainda a constatação de identificações: “conterrâneos da gente”, por exemplo, e constituições de diferenças como em falas que se remetem as ditas

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.



“pessoas estranhas”. Isso foi marcante nas narrativas dos migrantes quixadaenses, em seus atos de recordar.

Acho que, em primeiro lugar Vilarin, a pessoa tem que ter no pensamento que existe a diferença pra todos: no sistema de conversar com as pessoas, o sistema de tratar as pessoas que lá [em São Paulo] tem que ter sistema que as pessoas têm muita educação com agente. Então, a pessoa tem que ter aquele hábito, um tipo de educação pra falar com as pessoas. Foi o que eu vi lá.³³

As identificações e diferenças foram construídas, pelas memórias, de forma “contrastiva”, conforme indica Lopes (2006, p. 257), ou seja, pela revalorização de particularidades e em meio a comparações com o “eu” e o “outro”, “fornecendo assim parâmetros para o sentido de pertencimento” (LOPES, 2006, p. 257).

Mas, gostaria que falassem mais sobre a vida de vocês em São Paulo, e de como foi à adaptação em uma cidade grande.

“Rapaz, em 87... nós ainda era bem acanhado quando a gente chegou lá, que nós num se sentia à vontade... com o tempo é que a gente vai se acostumando”.³⁴

Alguém se arriscaria precisar em quanto tempo se acostumavam?

“Um ano depois você vai se acostumando, vem perdendo o medo, porque você tem medo numa cidade você tem medo, né?”³⁵

Por quê?

“Rapaz, era o seguinte, o medo a gente tem porque num tinha dinheiro, eu não conheço ninguém, mil pessoas passa batendo em você, mas, não fala com você, nem conhece. É aquela rotina, é a solidão, né? Primeiro é a solidão que você sente falta da família e longe de casa...”³⁶

Parece-me que existe um estranhamento, um processo de reconhecimento noutra lugar...

“Às vezes você diz: rapaz o que é que eu tou fazendo aqui?”³⁷

Agora fico a pensar, dentre outras coisas na questão da solidão...

Diretamente de 1978, trechos de uma amizade estabelecida em São Paulo seguem para Quixadá com ares de saudosismo, com traços de solidão: “Querida amiga. Como vai tudo bom?

³³ Sr. Gilberto Teixeira, 2005.

³⁴ Sr. Gilberto Nunes. Trecho de entrevista concedida em sua casa, em Quixadá-Ce, em Setembro de 2005. Esse entrevistado foi para São Paulo em 1987 e retornou para morar novamente em Quixadá no ano de 2001. Sua fala pode também ser comparada a dos demais entrevistados, principalmente, quando eles tratam de seus primeiros momentos em São Paulo, seus medos e estranhamentos. Pelas memórias desses indivíduos é possível entender versões de uma história da migração e refletir sobre re-elaborações de identificações e diferenças culturais.

³⁵ Sr. Nazareno Firmino, 2006.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.



Querida eu estou com tanta saudade de você, tanta vontade de te ver que você nem pode imaginar: eu não tenho amiga, vivo so trabalhando e estudando”³⁸. Essa fala é de uma grande amiga de “Margor-Marly”, Cecília, que se sentia solitária com a ausência de sua amiga.

O ato de escrever de Cecília me faz lembrar a utilidade de uma escrita epistolar, pois, como é sabido, o exercício da escrita de “si e também a escrita epistolar podem ser (e são com frequência), entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê” (GOMES, 2004, p. 19-20).

Será que “Margor-Marly” ainda recorda quem era Cecília?

“Ah, sei! Cecília é uma grande amiga, mesmo que ser irmã. Todo segredo nós sabia uma da outra. Ela trabalhava em casa de família, a patroa dela viajava pra outros estados e ela ficava só. Nessa ida da patroa eu ia pra lá para o apartamento”³⁹ que Cecília cuidava. Isso, num sábado ou domingo quando era possível. “Depois que vim embora nunca mais eu soube notícias dela! Num sei se já se foi, num sei. Eu queria a Cecília de volta. Sinto muita saudade dela”⁴⁰.

Uma amizade e época foram recordados por “Margor-Marly”; um tempo que deixou fagulhas, sentimentos pela estrada da vida, e saudades de entes queridos.

“Eu estou completamente sosinha, neste momento eu so sinto vontade de chorar e mais nada, estou muito triste nem eu mesma sei porque me sinto assim, não tenho motivos para estar tão triste assim, acho que é so mesmo saudade de uma grande amiga que é você”⁴¹.

As falas que aqui se apresentam estão marcadas por múltiplas temporalidades, seja de um presente ou feitas de prospecções pelos relatos de memórias, ou ainda, por fragmentos de passado como representa um pouco as correspondências.

Do quinto andar de um apartamento localizado na Rua Augusta, em São Paulo, Cecília traçava alguns sentimentos e tentava amenizar sua dor e solidão que fluíam naquele dia 22 de Julho de 1978. Cecília parecia sentir o peso da vida de uma cidade grande no fim do século XX, ela sequer pode ficar de férias do trabalho, sentia-se sozinha e envolvida pela rotina do emprego e estudo, e mais, sentia falta de uma grande amiga que era “Margor-Marly”.

³⁸ Trecho de uma carta doada por “Margor-Marly”, carta que foi enviada de São Paulo a sua pessoa que se encontrava no distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 22 de julho 1978.

³⁹ “Margor- Marly”. Trecho da entrevista concedida em sua casa, num distrito de Quixadá-Ce no dia 13 de Junho de 2009. Essa entrevista foi realizada explorando, principalmente, as correspondências que “Margor-Marly” doou para realização de minha pesquisa. As missivas foram utilizadas no intuito de potencializar a narrativa da entrevistada.

⁴⁰ “Margor- Marly”, 2009.

⁴¹ Trecho de uma carta doada por “Margor-Marly”, carta que foi enviada de São Paulo a sua pessoa que se encontrava no distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 22 de julho 1978. Essa missiva pode também evidenciar sensibilidades de uma época e lugar: cidade grande no fim do século XX.



Que possíveis significados essas poucas linhas de uma carta de 1978 podem evidenciar sobre a vida em São Paulo? D. Alderiza Silva gostaria de opinar?

“No fundo, no fundo São Paulo só tem ilusão, só ilusão, as pessoas acham que São Paulo é fácil pra viver, você vive, mas, você tem que batalhar, trabalhar, correr”⁴²

Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Teixeira, por favor, me falem da adaptação de vocês em São Paulo.

Eu já tinha lá o meu irmão, morava lá há um ano. [Eu] tinha primo, os parentes mesmo da gente falava para os outros: ora, esse aqui é meu irmão, chegou do nordeste, chegou do Ceará e essa pessoa vai ficar com a gente. Então, a gente passou a ser uma amizade a mais, não foi difícil não, eu me adaptei muito fácil.⁴³

A adaptação dos entrevistados em São Paulo normalmente está relacionada às redes de sociabilidade que por lá puderam estabelecer, e isso, obviamente, inclui a família desses indivíduos a quem recorriam em São Paulo, antes de partirem de Quixadá, e que servia também como um intercâmbio de trabalho.

Entre viver no Município de Quixadá e passar a viver em uma grande metrópole como São Paulo parece ter causado mudanças significativas na vida dos quixadaenses. Mas, sobre isso, que o Sr. Antônio Teixeira possa falar:

Ah! Lá já mudou a rotina. É porque o seguinte: lá eu já comecei a trabalhar, já comecei a pegar num dinheirinho, e outra, o lazer lá era totalmente diferente. Lá a gente, na maioria dos finais de semana, ia pras choperias, tinha salão. Tinha muitas vezes [que no] final de semana os colegas tavam construindo casas, que eles usam muito isso lá, essas táticas, aí é: vamos encher a laje de fulano de tal, é domingo! Aí a gente se reunia a turma dos colegas da gente, e ia encher a laje e quando terminava era aquela feijoada, aquela cachaça, era bom, né? Aí ali... considerava um lazer, era um trabalho, e ao mesmo instante virava um lazer.⁴⁴

Sr. Nazareno Firmino, gostaria de falar também sobre o seu lazer em São Paulo?

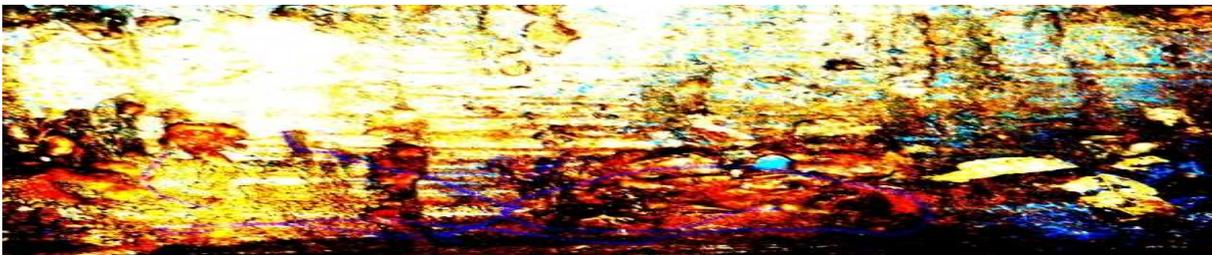
“Final de semana, reunia família... Fazer um churrasco. Todo final de semana tinha! Todo final de semana tinha... lá é tradicional. Aí passava o domingo lá [na casa dos amigos e] já combinava pra sua casa, pra casa do outro, entendeu? Então assim ia... aí ia levando a vida”⁴⁵.

⁴² D.Alderiza Silva. Trecho de entrevista concedida em sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Junho de 2005. A entrevistada foi para São Paulo em 1983 e retornou de morada a Quixadá em 1996.

⁴³ Sr. Américo Soares, 2005.

⁴⁴ Sr. Antônio Teixeira, 2004. .

⁴⁵ Sr. Nazareno Firmino, 2006.



Você desejaria morar novamente em São Paulo?

“Hoje em dia se as pessoas disserem: rapaz tu quer ir pra São Paulo trabalhar lá? Eu não queria [deixar de] viver minha vidinha aqui”.⁴⁶

Posso imaginar, até porque o senhor já me falou sobre as dificuldades que enfrentou em São Paulo, uma cidade que ensina, acolhe, mas também causa medo. E mais, um lugar de multidão e solidão, de oportunidades e incertezas.

Eu queria aproveitar o momento para agradecer aos senhores e senhoras que tem me ensinado um pouquinho sobre um tempo que não vivenciei. Agradeço também por terem falado de suas primeiras impressões de São Paulo, de seus medos, do que acharam diferente, de uma rotina mudada, de seus lazeres, da importância da família e sobre um pouco de como se adaptaram. Eu queria poder voltar em breve para saber um pouco mais das relações de vizinhanças que estabeleceram em São Paulo, assim como, ouvi-los falar sobre suas vivências nos espaços de trabalho, de suas saudades e de como se comunicavam com seus familiares que ficaram em sua terra natal.

“Tinha comunicação com minha família, mas, nessa época não tinha muito telefone, mas, tinha correspondência, por carta. Na época tinha que ser por carta mesmo... carta ia, carta vinha e graças a Deus eu me correspondia muito bem com a minha família”.⁴⁷ Ora, tive uma idéia, talvez eu possa privilegiar num próximo momento as mais de sessenta correspondências que doaram. A análise delas possivelmente poderá evidenciar sensibilidades de uma época.

Antes mesmo de concluir deixo-os à vontade se quiserem falar mais alguma coisa sobre suas experiências enquanto migrantes...

“Eu consegui conhecer e ganhei experiência... hoje eu não tenho medo de sair pra estado nenhum, porque eu sei andar, sei sair, aprendi muita coisa, o mundo é um mestre da gente. Dizem que o professor da gente é importante, mas o professor é o mundo”.⁴⁸

“É o que eu digo pra todo mundo: macho, o mundo ensina você”.⁴⁹

Com certeza, agradeço a atenção de todos e gostaria de voltar em breve para a gente dialogar mais um pouco...

“Qualquer coisa se precisar aqui está as orde (sic). Tá bom?”.⁵⁰

Está ótimo! Muito obrigado.

⁴⁶ Idem

⁴⁷ D.Alderiza Silva, 2005.

⁴⁸ Sr. Américo Soares, 2005.

⁴⁹ Sr. Nazareno Firmino, 2006.

⁵⁰ Sr. Antônio Teixeira, 2004.



3. Considerações finais

Tratar das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo tem me reservado alguns desafios e, dentre eles, o de pensar maneiras de escrever e apresentar as fontes de minha pesquisa.

Ao falar em desafios não posso deixar de registrar como foi difícil escrever este texto em primeira pessoa do singular, apesar de ser “eu” que escrevo este trabalho. As dificuldades se deram não porque quisesse, no construto deste, reivindicar a sua autoria, mas, porque ao ensaiar uma reflexão sobre um modo de fazer história, obviamente, o “nós” iria insistir em aparecer ou, simplesmente, ele iria desejar ocupar o seu lugar.

De fato, se um “eu” escreve e articula as idéias, aqui existe um “nós” pensante que predomina, e que ajuda a fabricar um conhecimento. Na verdade, a idéia de escrever na primeira pessoa do singular se deu muito mais para evidenciar a importância de cada voz e de cada olhar que aparece no texto e ajuda a pensar o objeto pesquisado.

Quanto ao meu nome que apareceu algumas vezes, dito pelos colaboradores, eu tinha a intenção de mostrar um pouco do lugar que ocupa o pesquisador e a relação personalizada que existiu entre os entrevistados e a pessoa que aqui vos fala. Foi através dessa relação, de proximidade e confiança conquistadas, que os colaboradores me permitiram entrar em suas casas, me concederam e autorizaram a utilização de suas entrevistas, e mais, abriram seus “baús” e me doaram mais de sessenta cartas que há décadas tinham guardadas. Entendi que, para este momento, seria significativo deixá-los me tratar pelo nome.

Para apresentar o texto recorri à idéia de “ficção controlada” utilizada por Sandra Pesavento (2003, p. 58), ao entender que, a produção do conhecimento histórico passa por uma invenção, por recortes e montagens; obviamente, ela traz também em seu construto, em sua elaboração, um discurso de verossimilhança, um desejo de verdade e de tocar a realidade. Mas, vale ainda dizer que, sobre a realidade é possível apenas produzir versões, e não essências, e mais, que ela está carregada de significados de relações de um tempo vivido, de um tempo sentido, e se mostra marcada por contradições e conflitos, densa e porosa, tendo sempre espaço para guardar seus segredos!



No entanto, ao selecionar, montar, combinar e compor as fontes neste trabalho, eu visei conduzir a fala de indivíduos para outros lugares, tirando-as muitas vezes do anonimato, trazendo por meio deste escrito suas múltiplas versões, às vezes desconhecidas, de um evento conhecido como a migração.

Enfim, pensar uma maneira dizer, de citar, de escrever minha pesquisa, não se limita a uma questão estilística, da redação de um texto, mas, implica refletir sobre o próprio tratamento metodológico das fontes e pensar maneiras de representar uma história que, neste caso particular, tenho como desafio estudar, as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Sobre o conceito de história. In: _____. **Obras escolhidas I: Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: _____. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **Operação histórica**. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Fco Alves Rio de Janeiro. 1998.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas/FELCH/USP/ Fapesp/ Educ, 2003.



FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado.**

Lisboa: Editora Teorema, LDA, s/d.

GOMES, Ângela de Castro. **Escritas de si, escrita da história.** Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

LOPES, Ana Lúcia. A prática pedagógica e a construção de identidades. In: **Educação Africanidades Brasil.** Universidade de Brasília – UNB – Centro de Educação a distância, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho.** São Paulo, Bauru: EDUSC, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Os sete pecados da capital.** São Paulo: Hucitec, 2008.

PETERSEN, Silvia Ferraz. A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos. In: MUCH, Cláudia (org.). **Porto Alegre na virada do século 19; cultura e sociedade.** Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRS /Ed.ULBRA/Ed.UNISINOS, 1994.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. **Projeto História.** SP. Abril, 1997.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Besouro cordão de ouro: o capoeira justiceiro.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.